

O CORDEL COMO FONTE DE INFORMAÇÃO: a vivacidade dos folhetos de cordéis no Rio Grande do Norte¹

*Sale Mário Gaudêncio**
*Maria do Socorro de Azevedo Borba***

Resumo

Apresenta uma caracterização geral da literatura popular (até 2005) objetivando analisar o nível de importância que vem sendo dada à literatura de cordel como fonte informacional no Rio Grande do Norte. Enfoca sua trajetória da Europa até o Brasil, levando em conta seu fortalecimento no nordeste brasileiro. Descreve o cordel a partir de um cenário que trata das décadas de ouro (1920-1950) do cordel e sua forma de classificar, de sua influência nas belas artes e do cordel no atual cenário potiguar. Mostra o que seja fonte de informação e a partir dessa ótica, o cordel como fonte de informação e o papel bibliotecário neste processo. Discorre sobre os procedimentos metodológicos trabalhados através uma discussão em torno da pesquisa, seu universo, seus atores, instrumentos (pesquisa bibliográfica, eletrônica e realização de entrevista focalizada) e seus procedimentos. Trabalha a análise dos dados a partir da relação cordel e cordelista e cordel e biblioteca. Com os dados, pôde-se fazer uma análise qualitativa dos resultados e identificar a atual situação do cordel no estado potiguar. Conclui apontando um parecer, as perspectivas e faz recomendações para a literatura de cordel no RN.

Palavras-chave: Literatura de Cordel. Fonte de Informação. Cultura Popular.

1 INTRODUÇÃO

Historicamente, o nordeste brasileiro tem se mostrado como um “berçário” das mais variadas riquezas culturais existentes em sua região, e dentro desse contexto está à literatura de cordel, que a partir da expansão européia no Brasil torna-se uma manifestação artístico-cultural de extrema significância para o povo brasileiro. A literatura de cordel é de suma relevância para a sociedade brasileira, podendo permear questões no âmbito econômico, social, religioso, histórico e científico. Pensando nisso e atraído pelo que é postulado na disciplina Organização e Tratamento de Materiais Especiais (OTME) e em virtude do que diz respeito à literatura de cordel como material especial, foi percebida a necessidade e a motivação de realizar uma pesquisa monográfica em torno da literatura de cordel tendo como

¹ Artigo originado de Trabalho de Conclusão de Curso em dezembro de 2005.

*Bibliotecário-Documentalista pela UFRN, Especializando em Gestão Educacional e da Criatividade pela FIP e Coordenador da Biblioteca Acadêmica da Faculdade de Ciências e Tecnologia Mater Christi-Mossoró/RN. URL: <http://mariogaudencio.blogspot.com>. E-mail: salleh_mario@yahoo.com.br. Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4055279202294793>.

**Mestrado em Ciências da Informação pela PUCCAMP-SP, Orientadora do TCC, Professora e Chefe do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da UFRN. URL: <http://ccsa.ufrn.br/cursobiblioteconomia>. E-mail: sosborba@yahoo.com.br. Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0061742874560549>

foco principal: Identificar sua importância sócio-informacional e que conseqüentemente sua contribuição à produção acadêmica. Tem como objetivo geral: analisar o nível de importância que vem sendo dada à literatura de cordel como fonte informacional no estado do Rio Grande do Norte e como objetivos específicos: Analisar o cordel, desde sua chegada no Brasil até os dias atuais (2005), caracterizar sua importância no nordeste e RN; Construir uma proposta do que seja fonte de informação, levando em conta o cordel e o papel do bibliotecário nesse contexto; Fazer análise dos dados em torno de cordelistas e instituições que lidam com cordel; Realizar parecer e fazer recomendações, dando “*norte*” para ações práticas.

2 LITERATURA DE CORDEL

Entende-se por literatura de cordel, como sendo uma manifestação artístico-cultural da cultura popular que registra a história e a trajetória de um povo, assim como, caracteriza-se por uma ação poética que dá vida à sociedade. É de fato, uma das mais ricas facetas da cultura brasileira e mundial. Segundo Viana (2005), “a poesia popular impressa, denominada literatura de cordel, é uma das mais legítimas expressões culturais do povo nordestino”. Cascudo (2001, p. 331) reitera dizendo que a também chamada literatura popular é “[...] tipicamente impressa, não exclui a passagem à oralidade. É veiculada por meio de folhetos que abordam os mais variados assuntos”.

A partir de Leandro Gomes de Barros, no final do século do século XIX, o cordel toma corpo, constrói um espaço de representação e de ampliação das manifestações populares. De acordo com Abreu (1999, p. 75) “embora não fossem cantadores, [...] Leandro Gomes de Barros e Francisco das Chagas Batista², são pioneiros na impressão de folhetos. Ainda no século XIX, fora da serra do Teixeira, outros também cantavam e incorporaram-se à tradição³”. O cordel se enraíza no nordeste brasileiro em função de diversos aspectos, respectivamente: A questão étnica, que é de grande relevância desde a mais tenra idade da colonização brasileira; a falta de acesso ao conhecimento registrado, deixado apenas para os senhores de engenho, os coronéis, políticos e seus familiares; de haver neste nordeste, marcado pela seca, um ambiente basicamente ruralista, onde a forma e maneira de produzir passavam diretamente por uma cultura de subsistência humana; havia neste espaço situações marcadas por um forte messianismo⁴; um patriarquismo ortodoxo; as peripécias do cangaço; do assistencialismo político, em especial com a indústria da seca. Desta maneira, o cordel não só, torna-se um grande instrumento de apoio e de grito para a cultura popular brasileira, mas, é visto como o refúgio, o aporte, o complemento para uma vida sofrida de mãos calejadas pela “*lida*” camponesa.

Em virtude deste cenário, Abreu (1999), coloca que, entre o final do século XIX e os anos 20, a literatura de folhetos consolida-se: definem-se as características gráficas, o processo de composição, edição e comercialização e constitui-se um público para essa literatura. Nada nesse processo parece lembrar a literatura de cordel portuguesa. Aqui, havia autores que viviam de compor e vender versos; os autores e parcela significativa do público pertenciam às camadas populares; os folhetos guardavam fortes vínculos com a tradição oral, no interior da qual criaram sua maneira de fazer versos; boa parte dos folhetos tematizavam o cotidiano nordestino; os poetas eram proprietários de sua obra, podendo vendê-la a editores, que por sua vez também eram autores de folhetos.

² Precusores dos folhetos de cordéis.

³ Inácio da Catingueira, Manoel Cabaceira, Manoel Caetano, José Galdino da Silva Duda, Neco Martins, Manoel Carneiro, Preto Limão, João Benedito e João Melchidades.

⁴ Caso de Antônio Conselheiro.

2.1 O CORDEL E SUA FORMA DE CLASSIFICAR

Objetivando facilitar o uso, o manuseio e fortalecer sua concepção estrutural/organizacional, grandes personalidades da cultura popular também têm contribuído para a construção de modelos de classificação. Um exemplo disso é a concepção de Ariano Suassuna e Cavalcanti Proença, dois dos maiores pesquisadores e escritores da contemporaneidade no campo da literatura de cordel. Eles não são os únicos que escrevem sobre classificação cordelística, porém, é acreditado segundo vários teóricos, que suas formas de classificar condensam e sistematizam várias outras já propostas.

São inúmeras as possibilidades de utilizar as produções poéticas no contexto das classificações, em especial desta. Leandro Gomes de Barros, a partir da proposição classificatória de Ariano Suassuna e Cavalcanti Proença, consegue se inserir em praticamente todas as possíveis formas.

2.2 A INFLUÊNCIA DO CORDEL NAS BELAS ARTES

Na literatura dita elaborada, já através dos teatros de Gil Vicente, são visíveis expressões do cotidiano popular, assim como em partes da obra Dom Quixote de La Mancha de Miguel de Cervantes. Localmente se tem vários trabalhos inspirados na literatura popular, como o Auto da Compadecida de Ariano Suassuna, Macunaíma de Mário de Andrade, Jeca Tatuzinho de Monteiro Lobato, Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto entre outros. No cinema, filmes que retratam a tônica do cangaço, o paisagismo sertanejo e o semblante popular são marcas nessa composição poética. Segundo Maxado (1980, p. 122) o cordel foi tema exclusivo no filme “Nordeste, Cordel e Repente”, de Tânia Quaresma. Na música, são vários os estilos musicais que ao longo da história vem retratando os folhetos dentro das composições musicais. A exemplo disso estão os estilos Baião, Xaxado, Xote, Forró, MPB e o Mangue Beat. Quanto às artes plásticas, elas se “*desnudaram*” para mostrar a face da cultura popular. Em muitos casos, o processo se deu pelas vias da chamada cultura elaborada ou erudita. As xilogravuras, expressões artísticas das capas de folhetos são inspiradoras para vários pintores e expositores no Brasil.

2.3 A INFLUÊNCIA DO CORDEL NA SOCIEDADE

Mesmo tendo passado por uma fase não muito confortável, iniciada na década de 1960 até o final do século passado, os cordéis e seus produtores tem encontrado forças para resistir aos múltiplos acontecimentos que surgem em torno da literatura de cordel. Mesmo assim, o cordel é no momento memória viva, desmontando inclusive uma vaga teoria de que a literatura popular “*iria acabar um dia*”. Os espaços mudaram, porém à vontade de trabalhar o elemento cordel tem, com o passar dos anos, se intensificado. A cada dia novas pesquisas têm surgido, o público se diversifica e conseqüentemente a difusão da informação cordelística tem se espalhado pelo Rio Grande do Norte, Nordeste e Brasil. A exemplo disso, estão as pesquisas que são desenvolvidas no âmbito da graduação e pós-graduação, através de grupos de estudo e pesquisa. O cordel é presença no meio popular e a cada dia tem se colocado em situação de destaque no contexto das construções científicas. Fortalecendo esta afirmação, Cardoso (apud FERREIRA, 2003), mostra que “[...] essa temática já é presença marcante em vários congressos [...], fazendo da literatura popular um constante objeto de estudo científico”. Nesse contexto, evidencia-se também o trabalho das escolas, a figura dos cordelistas, dos grupos de estudos, da abertura de novos espaços para a comercialização, das oficinas de iniciação ao cordel, das iniciativas institucionais, do surgimento de tipografias (editoras) e de novos poetas.

3 O CORDEL COMO FONTE DE INFORMAÇÃO

Desde os inscritos rupestres à eletrônica, passando pela oralidade, invenção da imprensa e explosão bibliográfica as sociedades participantes tem se mostrado como sujeitos contribuintes no dinamizar, criar e/ou melhorar fontes informacionais. Atualmente vem se dando conta que a informação é um instrumento estratégico de apoio às ciências e as tomadas de decisão. Dessa forma, segundo Galvão (2001, p. 182) “vários estudos [...] apontam a função informativa como uma das mais importantes desempenhadas pela literatura de cordel”. É visto que os folhetos são de fato uma fonte de informação real que de uma maneira ou outra tem incansavelmente contribuído para ajudar no processo de educação continuada, iniciação à instrução, por motivar a descoberta do lúdico e do imaginário junto às camadas populares em especial. Mas também a aquelas que usam do estilo e da estética do cordel para desenvolver pesquisas/ trabalhos. De acordo com Galvão (2001) o folheto também é, sobretudo, uma fonte de informação capaz de divertir. A habilidade do poeta em transformar a notícia em história, em narrativa, em fábula. Os folhetos têm proporcionado para as camadas populares e de interessados uma alternativa diferenciada e legítima de fazer com que estas fiquem por dentro dos fatos, de estarem alegres, de terem forças para resistir às adversidades do seco nordeste brasileiro e/ou de preservar viva a memória dos folhetos.

O teor da informação a partir dos folhetos tem proporcionado abrir um leque de discussões, também em outros espaços, como da relação cordel com os meios de comunicação de massa e sua indústria cultural. Galvão (2001, p. 183), coloca que “mesmo onde havia rádio, a literatura de cordel tinha um papel importante na divulgação de informações⁵”. Não muito diferente disso, o fato é que isso ocorre ainda hoje, ou seja, atualmente o cordel também tem se mostrado um “*poço*” rico de informações. É por isso que, mesmo com as influências e presença de agentes externos (rádio, televisão e Internet), só os folhetos têm conseguido falar a língua, decodificar símbolos e signos de um mundo para este público bastante peculiar, o povo nordestino empobrecido e/ou os grupos sociais com interesse. Nem sempre os meios de comunicação de massa passam uma mensagem entendível aos olhos e ouvidos do povo sertanejo, do semi-árido brasileiro. Para os leitores /ouvintes dos folhetos, apenas será verdade a informação contida neles, caso contrário não valerá a pena dar atenção a outras, que por ventura possam surgir. Desta forma, Galvão (2001, p. 183) coloca que o sertanejo só acredita na notícia quando o folheto confirma. Essa também é a opinião de Luyten (1992 apud GALVÃO, 2001, p. 183), que afirma que “‘o homem do povo’ desconfia naturalmente das fontes oficiais de informação”.

Configurado estes espaços da leitura e edição de folhetos com a figura do poeta repórter⁶, o povo poderia acompanhar tudo que ocorresse em torno do mundo e da vida, mas com uma linguagem bastante peculiar. Havia maior credibilidade do povo para com o poeta repórter do que em relação aos jornalistas de “*canudo*”, ou seja, os diplomados. E desta maneira, Suassuna (apud GALVÃO, 2001, p. 184) destaca que “na sua opinião, a dimensão propriamente literária e estética dos folhetos é, de fato, a mais importante”. Portanto, a partir destes elementos levantados, desde seu aparecimento até os dias atuais o cordel precisa continuar sendo visto como mais uma fonte real de informação para a sociedade.

3.1 O PAPEL BIBLIOTECÁRIO

Desde as mais simples até as mais avançadas fontes informacionais o papel do bibliotecário é intenso, contínuo e importante. Do ponto de vista da organização do

⁵ Em si tratando do período que compreende entre as décadas de 30 e 50.

⁶ Homem, jornalista popular que tem como finalidade, dar suporte informacional ao povo.

conhecimento produzido e da grande demanda de informações colocadas à disposição da humanidade, o bibliotecário tem por característica organizar, filtrar e difundir um produto cada vez mais necessário para a subsistência humana, social e institucional, a informação. A idéia de construir uma sociedade mais justa, do ponto de vista do acesso equitativo à informação, ou seja, da inclusão do indivíduo na sociedade da informação, passa necessariamente por criar condições capazes de contribuir para uma maior democratização da informação junto à sociedade atual. Este acesso, por conseguinte, não se dá apenas pelas vias das fontes tecnológicas de informação, mas por toda e qualquer iniciativa ou fonte que ajude no desenvolvimento da pessoa humana. É então nesse contexto que entra a intervenção das instituições e seus profissionais que lidam com informação. As bibliotecas e bibliotecários, por exemplo, têm papel fundamental em contribuir para democratização do acesso à informação. Muitas bibliotecas estão hoje pautando em suas tarefas trabalhar o cordel, e cada vez mais, contribuir para o enriquecimento pessoal do cliente, através do fortalecimento do trabalho lúdico. (Ex. caso das peças teatrais que utilizam o acervo como fonte inspiradora), da valorização do imaginário (criando e recriando textos e histórias de ficção ou de cunho informativo), e do “*desnudamento*” institucional (melhorando de fato a relação instituição – público – comunidade). Sendo assim, e percebendo o poder “*mutante*” e de adaptação do profissional bibliotecário junto ao meio que ele está inserido, cabe então a ele se apropriar deste “*poço*” incessante de informação, conhecer e logo mais, difundir um produto informacional que, mesmo alternativo, pode ser diferenciado na vida e formação de muitos usuários da biblioteca, seja ela, pública, privada, escolar, universitária, digital ou virtual.

4 METODOLOGIA

As investigações foram prioritariamente trabalhadas na Biblioteca Central Zila Mamede – UFRN através das Bibliotecárias, respectivamente, Maria do Socorro Nascimento e Rildecil Medeiros⁷ e dos cordelistas potiguares José Acaci e Zé Saldanha. Todos os pesquisados têm trabalhos desenvolvidos no campo da literatura de cordel.

Utilizaram-se como instrumentos a pesquisa bibliográfica e eletrônica e duas entrevistas focadas nos investigados⁸.

5 ANÁLISE DOS DADOS⁹

5.1 CORDÉIS x CORDELISTAS

Foi feita a partir dos resultados da entrevista de José Acaci e Zé Saldanha, ambos cordelistas. Portanto, o roteiro de entrevista girou em torno de seis questões-chave, sistematizado no artigo através dos Quadros a seguir.

⁷ Maria do Socorro Nascimento é chefe da seção de coleções especiais (BCZM/UFRN) e Rildecil Medeiros é diretora (BCZM/UFRN) e professora do departamento de biblioteconomia da UFRN.

⁸ Conforme tabelas apresentadas na seção 5, análise de dados.

⁹ A maioria das informações contidas no corpo do capítulo e em suas citações deu-se através de entrevistas concedidas num período de 16 a 29 de outubro de 2005, nas cidades de Natal e Parnamirim.

Cordelista A¹⁰	Cordelista B¹¹
a) Inicialmente por Brincadeira; b) Pelo fato de ver cordéis de terceiros mal feitos (Métrica e Rima); c) Herança paterna	a) Desde a meninice (Na escola todos tinham um cordel); b) De ver no cordel uma beleza diferente; c) Alfabetizado com cordel.

Quadro 1 – Como tudo começou? O que motivou a escrever cordel?

Fonte: Entrevista, 2005.

Visualiza-se que em ambos os casos os ambientes são de extrema importância para o ato de fazer cordel e tornar-se cordelista. Pois enquanto o **Cordelista A** cresceu vivenciando a prática do cordel a partir de seu pai, o mestre Chagas Ramalho, o segundo, **Cordelista B** tinha em seu espaço natural as condições propícias para a produção cordelística. Os cenários/períodos que os fatos ocorreram foram diferentes, mas o fato de querer trabalhar com folhetos se dá na mesma intensidade e com isso a satisfação de produzir cordéis contribui não apenas para alimentar os anseios dos poetas, mas também engrandece e fortalece essa manifestação da cultura popular.

Cordelista A	Cordelista B
a) De promover o cordel nas comunidades; b) O cordel está sendo utilizado no auxílio a educação formal.	a) O cordel está infiltrado por toda a literatura, por todas as ciências.

Quadro 2 – Qual a importância do cordel para a sociedade contemporânea?

Fonte: Entrevista, 2005.

Nesta, é preciso analisar dois aspectos diferentes, mas complementares. O **cordelista A** diz que o folheto precisa ser promovido dentro das comunidades e que é necessário criar junto às escolas, redes de parcerias a fim de que o cordel possa auxiliar o alunado na construção do conhecimento e da descoberta do lúdico pelas vias desta arte. Por fim, quando o **cordelista B** fala que o cordel está infiltrado por toda a literatura, por todas as ciências. O entrevistado fortalece a importância dos folhetos para que não sirva, apenas, para gerações passadas, mas também para uma população presente e futura. O cordel pode, segundo os cordelistas, ampliar o leque de oportunidades quanto ao encontrar uma determinada informação, de forma clara e específica para um determinado público leitor, o cordel é uma alternativa diferenciada para a construção e disseminação do conhecimento. Vê-se também neste caso, que o fator memória torna-se implicitamente discutido. Basta ver a influência direta ou indireta da cultura popular no comportamento humano de pessoas que estejam dentro ou fora da academia.

Cordelista A	Cordelista B
a) Pelo fato de estar na “ <i>batalha</i> ” há menos tempo que outros; b) De não haver experiência com edição de folhetos; c) Por não existir pessoas suficientes para produzir xilogravuras; d) A confecção tornou-se um tanto complicada.	a) Com a chegada do rádio, TV e as telenovelas, houve um decréscimo significativo na propagação da literatura de cordel no Brasil (séc. XX); b) De não haver uma maior proteção dos Direitos Autorais; c) Poucas são as tipografias, ou seja, gráficas que querem imprimir folhetos ¹² .

Quadro 3 – Que dificuldades o cordelista enfrenta/ou?

Fonte: Entrevista, 2005.

¹⁰ Trata-se de José Acaci Rodriguez (Acaci).

¹¹ Trata-se de José Saldanha Menezes Sobrinho (Zé Saldanha).

¹² Segundo o entrevistado elas dizem “que dá muito trabalho”.

No Quadro 3, são evidenciadas duas situações um tanto diferentes, porém importantes para entender os preâmbulos à vida cordelística. O **Cordelista A** ao falar de sua experiência inicial como poeta, deixa claro o quanto é trabalhoso iniciar um projeto de escritor e produtor de folhetos. Neste momento a relação direta e indireta com terceiros é muito importante para escrever os mesmos. É necessário construir espaços de interlocução e cooperação. Todavia, o **Cordelista B**, além de retomar a questão (produção), percebe-se que uma das grandes dificuldades enfrentadas, foi à necessidade de adaptar-se a chegada do rádio, TV e as telenovelas, assim como lidar com a ausência de proteção autoral (propriedade intelectual) e de políticas editoriais para editar folhetos.

Cordelista A	Cordelista B
a) Mesmo diante de eventuais dificuldades que possam surgir, vale a pena sim, produzir cordéis.	a) Não compensa muito, contudo se produz pelo amor a arte popular; b) Mesmo sendo melhor apreciado por “sulistas” do que por potiguares, vale a pena produzir.

Quadro 4 – Vale à pena produzir cordéis?

Fonte: Entrevista, 2005.

A partir desta tabela, percebe-se um choque de opiniões dos cordelistas, mesmo assim todos os aspectos são de extrema importância para esta análise com os poetas populares. Mesmo o **cordelista A** falando o contrário do **cordelista B**, num aspecto eles são complementares, a vontade de escrever. Todavia, é importante fazer uma ressalva, ao responderem esta questão, os escritores também dão um olhar especial à questão do retorno financeiro, entretanto, isso não impede a produção cordelista.

Cordelista B
Atualmente melhorou bastante, pois os folhetos estão sendo lidos novamente por escolas e por universidades.

Quadro 5 – Como está a atual situação do cordel no estado?

Fonte: Entrevista, 2005.

Ao cordelista fazer esta afirmativa, logo coloca em cheque a inverdade do cordel “*acabar*” como muitos assim o fazem e o chamam erroneamente de subliteratura. Sua colocação mostra que o cordel no Rio Grande do Norte está tão vivo como diversas outras manifestações culturais. Vale salientar que o cordel hoje, está cada vez mais presente em escolas, é objeto de estudo de pesquisas em universidades, é instrumento de trabalho em instituições público/privado e que o povo tem buscado conhecer mais e mais o folheto. Logo, é possível entender o quanto ele se fortaleceu, se espalhou, se reinventou e conseqüentemente tem se mostrado como uma fonte de informação das mais ricas, contribuindo para o engrandecimento dos mais variados atores sociais.

Cordelista B
a) Os professores públicos/privados de ensino fundamental/médio estão cotidianamente necessitando e precisando de material para trabalhar em sala de aula; b) É preciso fazer um “negócio” mais avançado, algo que possa criar o hábito de escrita e leitura pelas vias do cordel, como: Cordel e Contos; Aprendendo a Fazer Cordel. Livros com um conteúdo mais denso; c) “ <i>Não deixe o cordel morrer!</i> ”.

Quadro 6 – Qual é o sentimento/ recado ao produzir cordéis?

Fonte: Entrevista, 2005.

Partindo da importância colocada no **Quadro 5** e fortalecida pelo **Quadro 6** é visto que o poeta apresenta para a sociedade um cenário bastante desafiador, pois, agora, além de escrever como antes, o cordelista deve criar junto às comunidades locais estratégias capazes de propagar o cordel por áreas não conhecidas e intensificar a publicidade de trabalhos em ambientes já tradicionais e consolidados¹³. Fica evidente que três ações concretas podem ajudar neste processo. A primeira é fortalecer as oficinas (cordéis e xilogravuras), a segunda é aumentar o nível de produção de folhetos e livros que tratam do assunto literatura de cordel e é preciso “*dar as mãos*” e ampliar a rede de relacionamentos humanos e institucionais (produzindo pesquisa, gerando conhecimento e disseminando informação).

5.2 CORDÉIS X BIBLIOTECA: BIBLIOTECA CENTRAL ZILA MAMEDE (BCZM)¹⁴

A BCZM é órgão central executivo, responsável pela administração, planejamento, coordenação e fiscalização das atividades do Sistema de Bibliotecas – SISBI da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A entrevista foi efetuada na instituição, ocorrida a partir da Seção de Coleções Especiais e da Direção da Biblioteca. Inicia com questionamento em torno de saber como tudo começou. O que motivou a biblioteca trabalhar a questão cordel. Logo a professora Medeiros (2005) coloca que “em 1980 o professor Diógenes da Cunha Lima, Reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte adquiriu um contingente de folhetos. Em 1998, sentindo a necessidade de sistematizar uma organização biblioteconômica, a instituição decide trabalhar na perspectiva de dar uma usabilidade maior quanto o acesso à coleção”. Anteriormente, professores através do projeto memória já tinham feito uma espécie de classificação prévia, trabalhada através dos “*ciclos*”. É justamente através destes trabalhos já efetivadas que a BCZM propõe não apenas facilitar o acesso dos produtos em suporte tradicional, mas também, em eletrônico. É a partir daí que surge a proposta do projeto “LitCord”. Este tem como finalidade básica, disponibilizar através de CD-ROM e via *Web*, todos os folhetos de cordéis existentes na unidade informacional.

Em virtude do fôra colocado, é possível dizer qual a importância do cordel para a sociedade contemporânea? Medeiros (2005) evidencia que hoje em dia “o cordel não seja visto apenas com foco a sua preservação e valorização, mas também, em relação a sua difusão no meio social”, onde diversos agentes estão diretamente inseridos no processo de disseminação informacional e do conhecimento produzido. De acordo com Medeiros (2005), três aspectos se tornaram significantes e desafiadores a este processo e aos procedimentos trabalhados, que foram à relação custo-benefício, a “ausência” de tecnologias de informação e a impossibilidade de identificar da temporalidade de alguns folhetos¹⁵. Nascimento e Medeiros (2005) colocam que “a instituição tem como público alvo alunos e pesquisadores”, mas os maiores usuários são os pesquisadores. Todavia, alguns acadêmicos infelizmente ainda não conhecem o que seja literatura de cordel¹⁶. Desta maneira, agora a questão é como se dá o processo de preservação e valorização do cordel. A partir das experiências das bibliotecárias, o processo se dá especialmente através do projeto LitCord, da organização do acervo e do compromisso do pessoal presente na biblioteca. O acervo tem uma periodicidade

¹³ A exemplo disso, estão as Feiras de Livros.

¹⁴ As entrevistas foram realizadas com as bibliotecárias da BCZM. As mesmas ocorreram num período compreendido entre os dias 16 a 29 de outubro de 2005. Contudo, as informações apresentadas são frutos de sistematização dos trabalhos efetivados. No que diz respeito a apresentação da biblioteca, missão, compromissos institucionais e configuração de sua estrutura (o que possui), todas as informações retiradas na íntegra do site: www.bczm.ufrn.br/conteudo/bczm/abiblioteca.php em 24 de novembro de 2005.

¹⁵ Não identificado, infelizmente não se pode disponibilizar o documento no todo (caso da WEB).

¹⁶ Caso Identificado em uma visita programada a BCZM. Onde, ao olhar para um folheto de cordel dizia nunca ter visto um trabalho uma fonte informacional como aquela.

que varia entre 1911 e 1995. De acordo com Medeiros (2005) quantitativamente “o acervo em folhetos de cordéis chega hoje a cerca de 3000 exemplares”.

6 CONSIDERAÇÕES E RECOMENDAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a importância da literatura de cordel como fonte real de informação tem contribuído para o povo, desde sua chegada no Brasil até os dias atuais. É por isso que os folhetos têm se apresentado como um “*espelho que reflete*” de maneira única o semblante de um povo, sua história, seus sofrimentos, suas angústias, seus conflitos sociais, mas também, seus sonhos, desejos, seu imaginário. Visualiza-se que, através do cordel, as relações interpessoais são intensificadas, os conflitos de classes minimizam-se e conseqüentemente o fator humano é “*aflorado*”.

Na relação cordel e biblioteconomia, o profissional bibliotecário tem papel fundamental para o fortalecimento das discussões cordelistas no contexto das instituições informacionais. Ficou evidente que o campo da pesquisa e do trabalho lúdico-educacional é um grande nicho de mercado para este profissional. Várias instituições já têm se mostrado como propagadoras de iniciativas e tem procurado no bibliotecário um apoio para trabalhar a questão cordel. Com a monografia, felizmente foi possível ver que neste linear de século os folhetos são e serão mais do que nunca, uma fonte de informação alternativa que ajudará na transformação social, seja pelas vias dos versos lidos/cantados, pelas escolas que estudam, pelos pontos de venda que acreditam no produto, pelas publicações e/ou pesquisas efetuadas e por tantos outros. Tornou-se claro, no decorrer do que foi transcrito, que apesar dos altos e baixos vividos pelos cordelistas e suas produções, o folheto continua com a “*chama acesa*”, vivo, presente e a cada dia, mostrando que o fator memória, cotidianamente vem se vinculando a três outros qualificantes, que é da preservação, valorização e difusão do conhecimento. Ao passo que se constrói um espaço pensando nestes qualificantes, logo será possível ver a literatura de cordel como patrimônio imaterial humanidade, algo de celebre dinâmica e presença marcante na identidade popular. Fica com o desenvolvimento e resultado deste trabalho, o prévio sentimento de compromisso realizado (social e acadêmico), de amadurecer um singular orgulho por escrever sobre uma temática que está diretamente arraigada ao “*seio*” do povo potiguar, nordestino e brasileiro.

Contudo, em função deste artigo, sistematizado a partir de um trabalho monográfico (2005), ficam as seguintes recomendações: Que o discente tenha a curiosidade de pesquisar, entender e/ou escrever sobre o assunto; Que mais instituições que lidam com informação, procurem também no cordel a possibilidade de encontrar saídas para o desenvolvimento da pessoa humana, pelas vias do lúdico, da informação e da educação continuada; Que os cordelistas possam produzir mais, focando o público escolar/universitário, que favorecido o surgimento de novos poetas; e que seja ampliada uma rede de relacionamento entre pesquisadores, instituições e cordelistas.

The cordel as information source: the vividness of leaflets of twine in Rio Grande do Norte

Abstract

Presents a general characterization of popular literature (until 2005) aimed at analyzing the level of importance that has been given to pulp fiction as informational source in Rio Grande

do Norte. Focuses its career from Europe to Brazil, taking into account their strength in northeastern Brazil. Describes the line from a scene that comes from decades of cord gold (1920-1950), and its way of sort of influence in the fine arts and the string in the current potiguar scenario. Shows what is an information source and from that perspective, the line as a source of information and the librarian's role in this process. Discusses the methodological procedures worked through a discussion of research, its universe, its actors, instruments (bibliographical research, electronics and conducting focused interview) and its procedures. Works to analyze the data from the relation string and twine and twine and library. With the data, we could make a qualitative analysis and identify the current situation of the string in the state of Rio Grande do Norte. It concludes by pointing an opinion, prospects and makes recommendations for the string literature in RN.

Keywords: Cordel Literature. Information Source. Popular Culture.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas, SP: Mercado de Letras/ Associação de Leitura do Brasil, 1999. (Histórias de Leitura).

AMORIM, Marcílio. Menino urbano que escreve cordéis. **O Jornal de hoje**, Natal, 25 out. 2005. (Caderno Diversão e Arte).

ANDRADE, Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA DE CORDEL. **História do cordel**. Rio de Janeiro: ABLC, 2005. Disponível em: <http://www.ablc.com.br/historia/hist_cordel.htm>. Acesso em: 1 set. 2005.

BATISTA, Sebastião Nunes. **Antologia da literatura de cordel**. Natal: Fundação José Augusto, 1977.

CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannete Marguerite. (Org.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CASA NOVA, Vera. De Literatura. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CALDEIRA, Paulo da Terra; MACEDO, Vera Amália Amarante (Org.). **Formas e expressões do conhecimento: introdução às fontes de informação**. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1998.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário de folclore brasileiro**. 10.ed. rev. atual. e ilustr. São Paulo: Global, 2001.

COSTA, Gutenberg. **Dicionário bio-bibliográfico de poetas cordelistas do Rio Grande do Norte: a memória da literatura de cordel no Rio Grande do Norte**. Mossoró, RN: Queima Bucha, 2004.

CURRAN, Mark J. **A literatura de cordel**. Recife: UFPE, 1973.

FERNANDES, Francisco; LUFT, Celso; GUIMARÃES, F. Marques. **Dicionário brasileiro globo**. 47.ed. São Paulo: Globo, 1997.

FERREIRA, Marcos. O Cangaço e o cordel no universo acadêmico. Mossoró, RN: **O Mossoroense**, 2003. Disponível em:
<<http://www2.uol.com.br/omossoroense/081003/universo.htm>>. Acesso em: 19 out. 2005.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, v.9. (Coleção Historial).

LITERATURA popular em verso: estudos. 4. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/ Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973. (Coleção de textos da língua portuguesa moderna, 1).

LUZ, Gustavo. **Antônio Francisco na academia**. Mossoró, RN: Queima-Bucha, [2005?]. Disponível em: <<http://www.queimabucha.com/?pagina=Noticias&idn=55>>. Acesso em: 20 de out. de 2005.

MAXADO, Franklin. **O que é literatura de cordel?**. Rio de Janeiro: Codecri, 1980.

MEDEIROS, Rildecil. **Apresentação do projeto litcord**. Natal: BCZM/UFRN, [2005?]. Folhas soltas.

PEREGRINO, Umberto. **Literatura de cordel em discussão**. Rio de Janeiro: Presença Edições, 1984. (Coleção atualidade crítica, 4).

SALAZAR, Leonardo. **As relações entre as esferas culturais a partir do cordel**. Recife: Cabras da Peste, [2000?]. Disponível em:
<<http://www.cabrasdapeste.hpg.ig.com.br/maculto.htm>>. Acesso em: 19 out. 2005.

SANTOS, Gildenir Cardino; RIBEIRO, Célia Maria. **Acrônimos, siglas e termos técnicos: arquivística, biblioteconomia, documentação, informação**. Campinas, SP: Átomo, 2003.

SILVA, Eliane Ferreira da; BORBA, Maria do Socorro de Azevedo. **Literatura de cordel: aula**. Natal: [s.n], 2004. Aula proferida em 05 abr. 2005.

VIANA, Arievaldo. Acorda cordel na sala de aula. **O Mossoroense**, Mossoró, RN, 2005. Disponível em:< <http://www.queimabucha.com/index.php?pagina=Artigos&ida=2>>. Acesso em: 18 out. 2005.

VILLAR, Sérgio. Zé Saldanha: memória viva do cordel. **PREÁ Revista de Cultura**, Natal, n.13, jul./ago. 2005.

XAVIER, Maria Virgínia. Xexéu, o caboclo sonhador. **Jornal Acauã**, Natal, v. 2, n. 6, jun./jul. 2005.